

Aldeia global à moda mineira

Entrevista: Richard Barbrook

Sebah Rinaldi

Ele é marxista, um teórico respeitado sobre internet e os novos formatos de mídias, já foi um punk nos anos 70 e acredita que a internet pode ser um meio de desafiar o sistema capitalista. Estamos falando do escritor e pesquisador britânico Richard Barbrook, que esteve no Brasil no primeiro semestre para lançar o livro "Futuros Imaginários – Das máquinas pensantes à aldeia global" (Editora Peirópolis), o quarto de sua carreira, em quatro cidades – Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas e Belo Horizonte. Na capital mineira, o local escolhido para o lançamento foi o Café com Letras. Além disso, o teórico também ministrou uma palestra na IEC - Instituto de Educação Continuada da PUC Minas. A redação do Letras bateu um papo com Barbrook sobre internet, tecnologia, crise econômica, entre outros tópicos que você confere a seguir.

Você fala de tecnologia, internet e desenvolvimento. Como interligar esses assuntos em um momento de crise econômica global?

Barbrook: Um lance interessante que eu acho a respeito do tema "crise" é que o problema não está com a tecnologia. Ela não é boa ou ruim. Para entendê-la, deve-se estar atento à História.

"Futuros imaginários" foi o seu primeiro lançamento a ser traduzido para o português. Por que?

Barbrook: Primeiro, eu escrevo os livros em inglês, depois, vejo como eles ficariam em outras línguas. Quero dizer, tenho que ver se dá para reconhecer a minha escrita. Acredito que meu texto soe mais romântico em português. Por exemplo, em alemão fica mais científico. (risos) Um dos problemas da tradução é o risco que se corre em alterar o conteúdo editorial.

Já recebeu algum prêmio por causa desse livro?

Barbrook: Eu ganhei o Prêmio Marshall McLuhan na categoria de Mídias, em 2008. Fiquei muito surpreso porque não me sentia muito no perfil desse. Eu não me considero um teórico pop. Bom, fui à Califórnia receber o prêmio e fiquei lisonjeado.

Como têm sido as suas atividades no Brasil?

Barbrook: Eu tive uma agenda bem intensa no Brasil. (risos) As pessoas estavam bem interessadas e, durante as palestras, fizeram boas perguntas. Percebi que alguns chegaram a ler parte do livro. Estão todos muito focados em tecnologia.

Como foi a noite de lançamento do livro "Futuros Imaginários" no Café com Letras?

Barbrook: Além do lançamento, eu também apresentei um projeto do qual eu faço parte, em Londres. Chama-se Jogo de Guerra (War Game), criado pelo escritor francês Guy Debord nos anos 70, que é um game de tabuleiro e de inteligência.

Você foi punk no passado, né?

Barbrook: Ah, sim! Eu adorava os Sex Pistols. (risos) Em 1976, eu tinha 20 anos e Londres era uma cidade excitante de se viver. Fui a vários show dos Sex Pistols, The Clash, Buzzcocks e muitos outros. O lema era fazer a sua própria cultura.

Neste livro, você escreve sobre o conceito de aldeia global. Comente mais sobre esse "espaço".

Barbrook: O conceito de aldeia global é um paradoxo. É deliberadamente contraditório. A ideia é a existência de um lugar bem pequeno, em que todo mundo se conhece pela internet. Em alguns casos, pode-se dizer que o conceito não é inteiramente verdadeiro. Mas há um outro lado da moeda, afinal de contas, hoje ficou mais fácil de se conhecer pessoas do mundo inteiro. Você tem e-mail, Skype, além do próprio celular.

A internet pode ser uma forma de desafiar o sistema capitalista?

Barbrook: Pode ser também uma forma de o sistema impor suas normas. Hoje, temos grandes empresas que trabalham nesse segmento – a Google, por exemplo. Pode ser uma forma de se fazer dinheiro também. Tenho amigos que ganham muito só com a web.

Título: Futuros Imaginários – Das máquinas pensantes à aldeia global

Autor: Richard Barbrook

Tradução: A Classe do Novo

Nº de páginas: 448

Capa: Brochura

Formato: 16 X 23 cm

Preço: R\$ 58,00